

FORMAÇÃO LITERÁRIA PARA OS NOVOS TEMPOS

Neste relato, elaborado por ocasião do recebimento do Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, em 2015, teço algumas reflexões e projeções a propósito de minha trajetória acadêmica de docência e pesquisa no terreno da Pedagogia Literária

Palavras-chave:

*ensino de literatura;
competência crítica;
formação literária.*

Nabil Araújo¹

Há pouco, tive a honra de receber o Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, edição 2015, concedido pela Sub-Reitoria de Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para mim, esse prêmio figura como o oportuno complemento de um outro, recebido em 2014, e também como coroamento de uma trajetória mais ampla, de pesquisa e ensino, iniciada há alguns anos.

Meu projeto "Ensino de literatura e desenvolvimento da competência crítica: uma 'terceira via' didático-pedagógica" – desenvolvido, junto aos meus alunos de Teoria da Literatura, logo em meu primeiro semestre como professor no Instituto de Letras da UERJ – foi premiado pela Fundação Carlos Chagas como a melhor experiência educativa inovadora realizada por docente de Licenciatura em 2014 (Cf. ARAÚJO, 2014a).² Trata-se de um estimulante reconhecimento do meu trabalho docente, vindo de uma instituição que é referência na pesquisa educacional no país, e que agora se vê complementado pelo reconhecimento advindo dos próprios alunos do Instituto em que sou professor, os quais, em sua maioria, e espontaneamente, me indicaram como o docente cuja dedicação tem contribuído para transformar o ensino e incentivar a formação discente. Visto desse ângulo, o prêmio de 2015 figura, pois, como o complemento, mais do que oportuno – eu diria *necessário* –, do prêmio de 2014.

Ele figura também como coroamento de uma trajetória mais ampla de pesquisa e ensino, iniciada em 2009, segundo ano de meu doutorado em Estudos Literários, quando, como professor substituto de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da UFMG, levei a cabo, pela primeira vez, a experiência pedagógica que deu origem ao referido projeto (cf. ARAÚJO 2010,³ 2014b).⁴ Tendo reservado um espaço de reflexão

¹ Professor na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Coordenador de Graduação do Instituto de Letras da UERJ – nabil.araujo@gmail.com

² Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/textosfcc/issue/viewIssue/302/53>

³ Disponível em: www.academia.edu/5512215/Diante_da_lei_uma_experiencia_em_Teoria_da_Literatura

acerca daquela experiência em minha própria tese de doutorado (ARAÚJO, 2013)⁵ – contemplada com o Prêmio UFMG de Teses de 2014 –, não mais deixei de me ocupar academicamente da problemática do ensino de literatura, seja como pesquisador, seja como professor formador de futuros professores.

Se o estudo e o ensino de literatura parecem já não ter a relevância acadêmica e social de outrora, isso deve ser compreendido no âmbito de uma crise mais ampla, dita “da Cultura”, sobretudo no que esta se encontra intrinsecamente relacionada à dita crise “da Universidade”. No hoje clássico *The University in Ruins* [A universidade em ruínas] (1996), o professor de Literatura Comparada na Universidade de Montréal Bill Readings diagnosticava o problema nos termos, ainda mais amplos, de um “declínio do Estado-Nação”: na medida em que a *Cultura*, em sua acepção moderna, como *identidade/unidade*

de saberes e como *Bildung* (desenvolvimento e cultivo do caráter), justifica-se, em última instância, em função do projeto moderno de Estado-Nação, viabilizado pela Universidade como produtora, protetora e inculcadora de uma ideia de cultura nacional; e na medida em que o Estado-Nação claramente deixa de ser a unidade elementar do capitalismo global contemporâneo, o que assistimos é o declínio da própria missão cultural nacional que até agora havia sido a razão de ser da Universidade, sobretudo das Humanidades, e, em especial, dos Estudos Literários (cf. READINGS, 1996). Apesar disso, o estudo e o ensino de literatura em nossas universidades e escolas continuam primariamente fundamentados no critério da nacionalidade, quando não deliberadamente orientados por uma ultrapassada ideologia nacionalista.

Impõe-se, assim, contemporaneamente, a tarefa de se conceber uma cultura literária em chave pós-nacionalista: uma verdadeira formação literária para os novos tempos. É preciso se lembrar, quanto a isso, que o que de fato se ensina, quando se diz ensinar literatura, não é a literatura propriamente dita, mas a devida *apreciação* do texto literário (visando-se, com isso, ao desenvolvimento da *competência crítica* dos alunos). O modelo oitocentista de ensino de literatura pela via das histórias literárias nacionais não apenas perdeu sua razão político-ideológica de

IMPÕE-SE, ASSIM,
CONTEMPORANEAMENTE, A
TAREFA DE SE CONCEBER
UMA CULTURA LITERÁRIA EM
CHAVE PÓS-NACIONALISTA:
UM VERDADEIRA FORMAÇÃO
LITERÁRIA PARA OS NOVOS
TEMPOS.

⁴ Disponível em: www.scielo.br/pdf/edur/v30n4/07.pdf

⁵ Disponível em: www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-97BJSH

ser, como claramente não corresponde (na verdade, nunca correspondeu) a esta demanda pedagógica pelo desenvolvimento da competência crítica dos alunos – e isto por uma razão muito simples, apesar de bastante grave: quando se centraliza a prática escolar de leitura e apreciação literárias numa lista restrita de autores e obras previamente estabelecida (o chamado cânone literário nacional), o aluno limita-se a absorver o produto de uma escolha feita por terceiros, sem que seja levado a refletir sobre os critérios e procedimentos que presidiram tal escolha, e, o que é pior, sem que se torne capaz de justificar suas próprias escolhas estético-literárias.

Este é o problema fundamental enfrentado pelo referido projeto pedagógico concebido em 2009, aprimorado e premiado em 2014: o de como desenvolver a competência crítica dos alunos – neste caso, graduandos do curso de Letras – no trato com textos literários em sala de aula. Para tanto, tenho adotado e aprimorado, a cada vez, a seguinte rotina didático-pedagógica:

1. Leitura e análise coletiva de textos críticos publicados, nos últimos anos, na imprensa nacional, acompanhadas de reflexão acerca da natureza e do escopo da atividade crítica.
2. Identificação dos diversos e divergentes critérios de juízo crítico presentes nos referidos textos e das vertentes críticas caracterizadas pela ênfase neste ou naquele critério.
3. Leitura de texto literário selecionado pelo professor e elaboração individual de um texto crítico sobre ele com base na referida reflexão e no conhecimento prévio (escolar) do aluno.
4. Leitura e discussão coletiva de textos teóricos representativos da *primeira* das vertentes críticas anteriormente identificadas (item 2) e reelaboração individual do texto crítico com base nesses textos.
5. Leitura e discussão coletiva de textos teóricos representativos da *segunda* das vertentes críticas anteriormente identificadas (item 2) e reelaboração individual do texto crítico com base nesses textos.

6. Leitura e discussão coletiva de textos teóricos representativos da *terceira* das vertentes críticas anteriormente identificadas (item 2) e reelaboração individual do texto crítico com base nesses textos.
7. Reflexão acerca da *decisão*, inerente ao juízo crítico, entre critérios divergentes de valor e acerca da necessidade de *argumentação* para fundamentar essa decisão; discussão acerca da incapacidade de o ensino literário tradicional (história da literatura brasileira) desenvolver a competência crítica dos alunos e acerca da necessidade de mudanças pedagógicas nesse sentido.

Ao longo desse processo, os alunos são levados a progressivamente:

- Apreender a dupla dimensão constitutiva do juízo crítico como instância discursiva: *cognitiva* (que busca responder *o que é*, afinal, o texto criticado) e *valorativa* (que busca responder *quanto vale*, afinal, o texto criticado).

- Reconhecer a multiplicidade, bem como a contingência histórica dos critérios de valor tradicionalmente empregados em crítica literária: o da relação entre literatura e realidade; ou entre literatura e efeito moral; ou entre literatura e vida do escritor; ou entre literatura e linguagem, etc.

- Perceber que, apesar dessa multiplicidade e dessa contingência, uma *decisão* entre os possíveis critérios de valor se faz necessária para que haja juízo crítico, e que, portanto: “A formulação de opiniões sustentadas por argumentos é condição para construir um posicionamento sobre manifestações culturais que se sucedem no tempo e no espaço” (BRASIL, 2002, p. 65).

- Desenvolver, em seus próprios textos críticos, o tipo de argumentação acima referido.

- Refletir acerca desse processo formativo em seu comprometimento com o imperativo pedagógico antidogmático de “construção de competências que permitam ao aluno emitir juízo crítico sobre os bens culturais” (BRASIL, 2002, p. 51).

Esta reflexão do graduando em Letras acerca de seu próprio processo formativo é tão mais importante na proporção em que extrapola o escopo estritamente individual do desenvolvimento da competência crítica na direção de uma futura prática como professor de língua e literatura na educação básica, na qual se verá, então, capaz de reencenar, em sala de aula, a experiência pedagógica que um dia protagonizou como aluno.

Nesta possibilidade e nesta promessa reside, parece-me, o sentido maior do reconhecimento de meu trabalho docente por parte dos alunos do Instituto de Letras da

UERJ, aos quais caberá levar adiante um ensino de literatura verdadeiramente renovado, nas escolas do Rio de Janeiro e do país.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Nabil (Org.). *Diante da lei: uma experiência em Teoria da Literatura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010.

ARAÚJO, Nabil. Ensino de literatura e desenvolvimento da competência crítica: uma "terceira via" didático-pedagógica. *Textos FCC*. São Paulo, v. 42, p. 9-29, 2014a.

ARAÚJO, Nabil. *O evento comparatista: na história da crítica / no ensino de literatura*. 379 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

ARAÚJO, Nabil. Por uma pedagogia literária do "como se": em torno de uma experiência pedagógica na graduação em letras da UFMG. *Educação em revista*. Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 127-152, 2014b.

BRASIL. PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC, 2002.

READINGS, Bill. *The University in Ruins*. Cambridge (MA)/London: Harvard University Press, 1996. [Ed. portuguesa: READINGS, Bill. *A universidade em ruínas*. Trad. de Joana Frazão. Coimbra: Angelus Novus, 2003.]